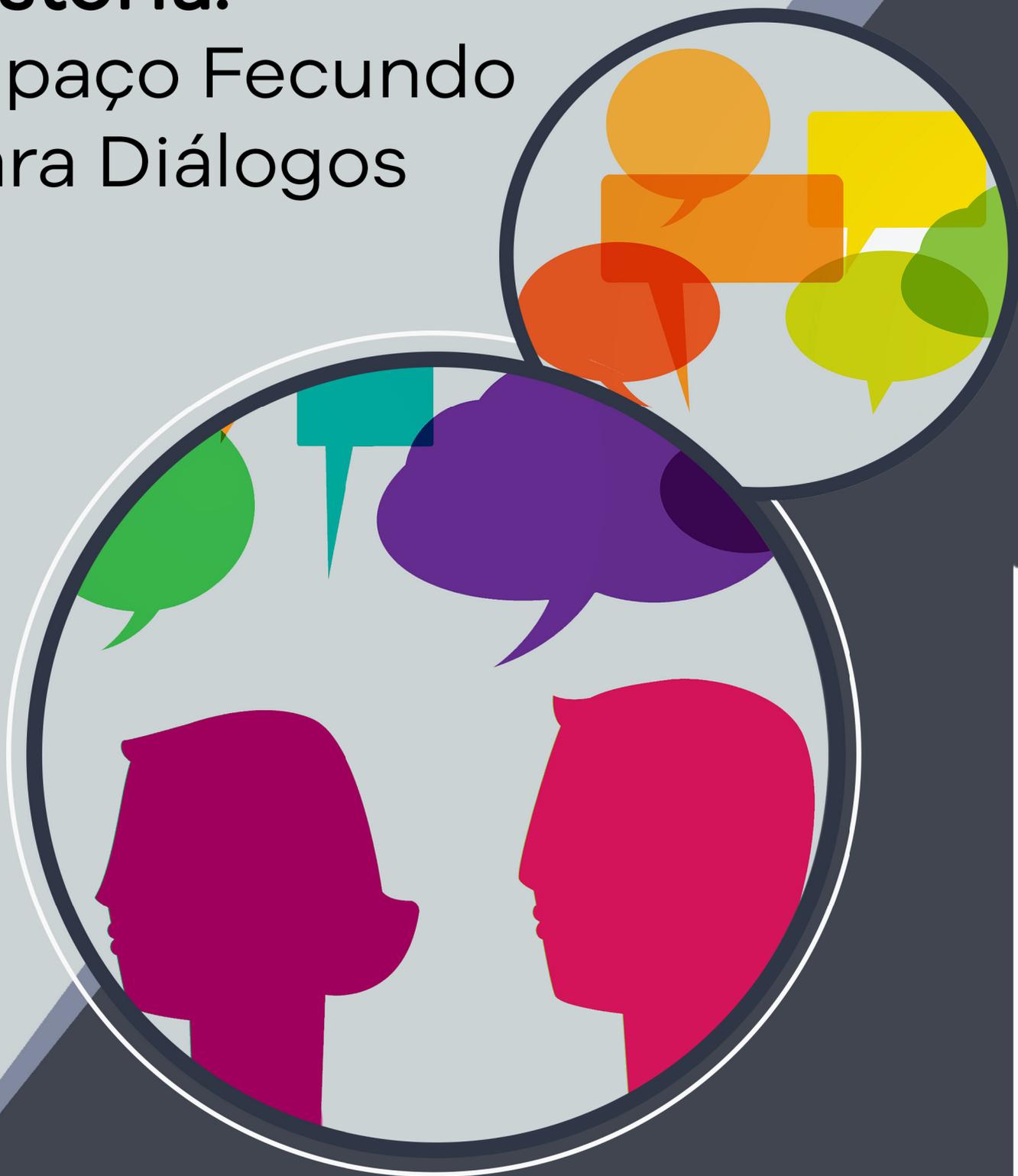


História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)

Maurício da Silva Selau

Viés Cultural Museologia e Patrimônio
Imbituba - SC

João Paulo Corrêa

Viés Cultural Museologia e Patrimônio
Imbituba - SC

Samara Hevelize Lima

Centro Cultural Castrolanda – Universidade
Estadual de Ponta Grossa
Castro - PR

RESUMO: A Colônia Castrolanda em Castro (PR) foi fundada em 1951 por imigrantes holandeses pautados no tripé social: educação, religião e cooperativismo. O presente trabalho visa demonstrar a experiência do Centro Cultural Castrolanda (CCC), instituição responsável pela preservação da memória desta comunidade. Serão apresentados a formação institucional, os trabalhos desenvolvidos internamente e a comunicação externa, que permite que a sociedade dialogue com o espaço voltado para a guarda de sua memória, reforçando o sentimento de pertencimento desta história.

PALAVRAS-CHAVE: Museu, Museologia, Memória, Colônia Castrolanda, Centro Cultural Castrolanda.

A MUSEUM IN DEVELOPMENT: THE EXPERIENCE OF THE CENTRO CULTURAL CASTROLANDA - CASTRO (PR)

ABSTRACT: The Colony Castrolanda in Castro (PR) was founded in 1951 by Dutch immigrants based on the social tripod: education, religion and cooperativism. The present paper seeks to demonstrate the experience of the Centro Cultural Castrolanda (CCC), institution responsible for preserving the memory of this community. It will be introduced the institutional formation, internally developed work and external communication, allowing the society to dialogue with the space focused on guarding its memory, reinforcing the sense of belonging of this history.

KEYWORDS: Museum, Museology, Memory, Colônia Castrolanda, Centro Cultural Castrolanda.

1 | INTRODUÇÃO

Castrolanda se configura como uma colônia no município de Castro PR, ainda consolidada como tal, organizada por imigrantes holandeses que aqui se estabeleceram em meados de 1950. Para entender este processo imigratório é necessário observar o seu contexto de vivência em um cenário pós Segunda Guerra Mundial e as políticas brasileiras que permitiram o deslocamento de mais de 50 famílias, em sua maioria provenientes do Norte da Holanda.

No pós-Segunda Guerra Mundial, a Europa mergulhou em uma profunda crise econômica, moral e política. Segundo Gallas (2012) a Europa do pós-guerra foi absorvida pelo medo das consequências que ainda estavam por vir, despertando a necessidade de grupos emigrarem e buscarem em outras localidades uma forma de reconstruir suas vidas.

Na Holanda, a área de produção passou a ser reduzida comparada ao número de habitantes. Segundo Broek (2008) havia limitação para a expansão das propriedades, os produtores rurais começaram a ficar preocupados com o futuro econômico e social de seus filhos. Imigrar tornou-se uma opção viável para aqueles que pretendiam ampliar suas posses e manter seu núcleo familiar unido.

Em solo brasileiro as discussões sobre imigração se mostravam favoráveis, principalmente com a abertura nas restrições de imigração imposta no Brasil nas décadas anteriores. Conforme mencionado por Salles (2002), os anos de 1920 e até 1939 se caracterizam pelo encerramento das políticas de imigração subsidiadas e uma rígida restrição do fluxo imigratório. Nos anos de 1940 esse quadro começa a ser alterado, ganhando notoriedade pós promulgação do Decreto-Lei N. 7.967 – de 18 de Setembro de 1945, assinado por Vargas o qual “Dispõe sobre a Imigração e Colonização, e dá outras providências” (BRASIL, 1945).

Baseado na conjuntura nacional em favor da imigração, no final da década de 1940 o Governo Dutra com auxílio da colônia de Carambeí enviou um pedido à Christelijk Emigratie Centrale (Central Cristã de Emigração) e à Christelijk Boeren en Tuinders Bond (Associação Cristã de Granjeiros e Horticultores), ambas na Holanda. Constituindo-se assim um projeto para estudar a proposta de receber e alocar imigrantes neerlandeses de vertente cristã em território brasileiro. (VERBURG, 1980, p. 15).

Através dessa iniciativa, duas comitativas de avaliação para o Brasil foram organizadas afim de estudar terrenos propícios para a constituição da colônia. Os projetos analisados em solo nacional foram as terras da região de Bagé e Taím, no Rio Grande do Sul e Castro, no Paraná. As duas primeiras foram descartadas devido a distância com os centros urbanos e o fato do solo ser impróprio para a agricultura proposta. Castro ficou no centro da discussão por dois motivos: a proximidade com a Colônia de Carambeí, formada por holandeses em 1911, e a oferta do Governo do Estado do Paraná que garantia o repasse de terras mediante empréstimo a longo prazo. (GALLAS, 2012, p. 70).

Os planejamentos estruturados na Holanda, permitiram a fundação de uma cooperativa agropecuária que iria ter sede na nova colônia (Cooperativa Castrolanda), e proporcionaram que em 30 de novembro de 1951 o primeiro grupo imigrante se estabelecesse na Nova Pátria, sendo oficialmente instituída a Colônia de Castrolanda, nome oriundo da junção do nome do país de origem - Holanda - e do município da nova moradia – Castro. (KIERS-POT, 2001, p. 259).

Uma das principais características retratadas pelos moradores desta colônia

é a questão da união, representada através dos valores protestantes constituído de três pilares de desenvolvimento – a educação, a religião e o cooperativismo. Pautada nesses valores, a culturalidade em Castrolanda é organizada, tendo por base a dualidade entre as tradições herdadas na Holanda (predominante nos símbolos existentes) e alguns signos brasileiros incorporados em sua identidade ao longo dos anos.

Atualmente a Colônia Castrolanda está inserida como um bairro no município de Castro (PR), possuindo em torno de 3000 habitantes distribuídos na área central da colônia e nas inúmeras propriedades rurais. Estima-se que em torno de 750 moradores da comunidade sejam imigrantes e descendentes de holandeses. A colônia ainda mantém traços da cultura da “velha pátria”, presente na arquitetura das casas do centro, na manutenção dos valores religiosos e culturais, no aprendizado do ensino de língua holandesa e nas tradições típicas como: festas, datas comemorativas, personalidades holandesas, entre outros.

A identidade da colônia é construída dentro de um mesmo espaço de vivência, havendo uma necessidade em criar símbolos que tracem um perfil histórico e de memória entre os envolvidos na comunidade e desenvolva uma noção de identificação. Nora articula o conceito de “lugares de memória” para conceituar essa prática, para ele "Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque estas operações não são naturais" (NORA, 1993).

Com isso, podemos refletir sobre os lugares de memória como espaços de ritualização, onde uma “memória-história” permite a representação de lembranças em comum dos indivíduos daquela comunidade, construindo uma narrativa própria e de certa forma unificadora, que se apresenta coletiva, mesmo composta por particularidades de cada indivíduo. Em função dessa identidade coletiva, os grupos desenvolvem símbolos que se tornam comum a todos, como representações de sua identidade.

Há uma constante necessidade de reconstrução e reconhecimento da identidade que acarreta o olhar ao passado, a busca por referências – sejam símbolos, signos, vestígios – para dar base à sua identidade no tempo presente. Dessa forma a memória é variante, se projetando em diversos símbolos, espaços e tempos, os lugares de memória, que permitem que o indivíduo estabeleça identificação com seu espaço de vivência.

A memória para Pollak (1992), seja individual ou coletiva, é constituída por acontecimentos (pessoais ou em coletividade), pessoas (ou personagens) e lugares. Esses processos não são estáticos, assim como a memória não é, são variáveis conforme o tempo, o espaço e os indivíduos. A memória é recriada dentro do espaço de vivência e se atrela ao senso de pertencimento, se um fato é preservado e relembrado por um coletivo, essa memória passa a ser real e vinculada à identidade

daquele grupo.

Nesse contexto os museus se configuram como espaço de preservação e transmissão dessa memória recriada por uma comunidade, onde se constrói o imaginário de uma história oficial, e os membros pertencentes a um determinado grupo se veem contemplados e inseridos dentro da narrativa museal.

2 | O CENTRO CULTURAL CASTROLANDA

O primeiro espaço museal oficializado em Castrolanda, foi o Museu Casa do Imigrante Holandês, inaugurado em 1991, em homenagem aos 40 anos da colônia. A arquitetura em madeira simbolizava as primeiras casas construídas pelos pioneiros holandeses, composta por uma junção de residência e estábulo. Durante 25 anos o museu foi administrado por um grupo de voluntárias da comunidade, que possuíam como foco buscar e expor acervos significativos para a história e a memória das famílias imigrantes.



Casa do Imigrante Holandês

Fonte: Centro Cultural Castrolanda.

Nas comemorações do cinquentenário da Colônia, em 2001, foi inaugurado o Moinho “De Immigrant”, que possui 37 metros de altura – do chão à ponta da pá – sendo considerado um dos maiores existentes no mundo. Construído sob a supervisão do engenheiro holandês Jan Heijdra – especialista em moinhos de vento – o mesmo é uma réplica funcional, em tamanho original do moinho de farinha “Woldzigt” (MOLENDATABASE, 2018), construído em 1852, situado na província de Drenthe, no norte da Holanda, região de origem da maioria das famílias imigrantes de Castrolanda. No Moinho foi instalado o Memorial da Imigração Holandesa, constituindo-se como o segundo espaço de memória de Castrolanda.

Em função das condições precárias que a estrutura da Casa do Imigrante se encontrava, a necessidade de preservar os acervos e a busca por unificar as práticas e os ambientes de memória em Castrolanda, a comunidade começou a debater a criação de um espaço cultural que valorizasse a conjuntura histórica da colônia e garantisse a preservação e a perpetuação da memória visual.



Memorial de Imigração Holandesa

Fonte: Centro Cultural Castrolanda.

Partindo desse debate, em 2014 foi lançado o projeto do Centro Cultural Castrolanda, possuindo como marco o início da construção do Museu Histórico, uma realização entre a Associação de Moradores de Castrolanda, a Cooperativa Castrolanda e o Ministério da Cultura por meio da Lei Rouanet. Construir uma instituição que se propusesse a valorizar e preservar a identidade dos imigrantes fundadores da colônia. Inaugurado em 30 de novembro de 2016, o complexo Centro Cultural hoje é formado por dois espaços museais abertos à visitação: O Memorial da Imigração Holandesa – Moinho “De Immigrant” e o Museu Histórico de Castrolanda – “Boerderij”.

Na edificação do Moinho, onde está o memorial, a torre é composta por quatro andares visitáveis e além da estrutura para moagem de grãos, movida pelo vento, tem exposições voltadas à narração histórica de diferentes setores da comunidade de Castrolanda, como o cooperativismo e o senso de união, e exposições com foco na trajetória do Grupo Folclórico Holandês de Castrolanda, a fabricação de tamancos de madeira e a origem dos moinhos de vento.

Outro espaço visitável do Centro Cultural é o Museu Histórico de Castrolanda, uma construção típica da região nordeste holandesa, que remete às antigas casas de fazenda, denominadas “Boerderij”. O espaço foi inaugurado em novembro de

2016, com a abertura de uma exposição sobre a trajetória histórica da comunidade; e abriga todo o acervo vindo do museu Casa do Imigrante Holandês. O museu também conta com ambientações técnicas necessárias ao trabalho da instituição com acervos bidimensionais (documentos e fotografias) e tridimensionais (objetos em geral).



Museu Histórico de Castrolanda

Fonte: Centro Cultural Castrolanda

3 | AS FUNÇÕES PRIMÁRIAS DE UM MUSEU

As funções primordiais de um museu, podem ser definidas como: a preservação, a pesquisa, a comunicação e a educação. Para Desvallées e Mairesse (2013, p.22-23), essas funções podem ser organizadas por “[...] preservação (que compreende a aquisição, a conservação e a gestão das coleções), a pesquisa e a comunicação. A comunicação, ela mesma, compreende a educação e a exposição”. É imprescindível perceber que essas funções não são executadas individualmente, elas exigem um comprometimento coletivo e inter-relacionado.

A preservação envolve diretamente as atividades dentro da gestão das coleções, desenvolvendo mecanismos que melhor salvaguardem os acervos sob custódia da instituição museal, segundo Nicola Ladkin (2004), a preservação pode ser definida como procedimentos de caráter técnico visando a perpetuação física e memorial do acervo, permite que os objetos-documentos que compõe o museu estejam integrados com a missão a qual o espaço se propõe a disseminar, garante que o acervo seja conservado ativamente e preventivamente, intensificando sua longevidade e consequentemente seu discurso.

Como forma inicial de preservação, a instituição deve classificar os riscos aos quais o acervo pode estar propício, que vão desde o conhecimento da equipe, eventos naturais, condições estruturais, etc. Michalski (2004) define que podem se apresentar nove agentes degradantes, que podem acarretar danos irreversíveis ao acervo: “1 - forças físicas diretas, 2 - ladrões, vândalos e pessoal distraído, 3 - incêndio, 4 - água, 5 - pragas, 6 - contaminantes, 7 – radiação, 8 - temperatura incorreta e 9 - umidade

relativa incorreta.”

Os agentes internos e externos que oferecem riscos aos museus, necessitam de avaliação constante. É necessário o envolvimento de toda a equipe no processo, de levantamento dos riscos ao acervo, planejamento e efetivação de melhorias para combater ou retardar os riscos, como a conservação preventiva, o desenvolvimento de mecanismos de segurança para o acervo e para o espaço, o controle de agentes biológicos, a manutenção e limpeza regulares, e até, em caso de necessidade, o restauro de um objeto.

Vinculado ao processo de preservação, a pesquisa está inserida como instrumento de conhecimento sobre o acervo e suas ligações com a história narrada no museu. Segundo Julião (2015) a pesquisa pode ser subdividida em duas percepções: a investigação do acervo como documento museológico, executando assim a documentação museológica, permitindo que as coleções museais sejam interpretadas como fontes de informação e a pesquisa que permite explorar interpretações e conceitos histórico-culturais vinculados ao acervo como uma fonte, colocar o acervo em dinâmica com a memória e a sociedade.

Comunicação museal, segundo Desvallées e Mairesse (2013) pode ser analisada como a ação de propagar informação entre fonte e emissor, que utiliza não somente de uma estrutura de linguagem, ela pode ser expositiva, visual, tátil, audível, digital, ela é variante e permite a interatividade espontânea da sociedade, permite que o receptor da informação fique à vontade para conhecer e entender como funciona a instituição museal, a qual se comunica, caracterizando o espaço de guarda de memória como um espaço educador e formador de opinião.

4 | UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO

A partir da decisão institucional de contratar uma assessoria técnica em museologia, o CCC vem estruturando um conjunto de ações e projetos de natureza técnica e administrativa que refletem no desenvolvimento dos espaços de memória.

4.1 Plano Museológico

No ano de 2016 a empresa Viés Cultural – Museologia e Patrimônio inicia um trabalho de assessoria ao CCC no que tange as atividades administrativas e técnicas da instituição, como consultoria expositiva, treinamento da equipe em relação ao tratamento técnico de conservação e gestão dos acervos tridimensionais e bidimensionais, apoio administrativo e de pesquisa. A empresa também assumiu a responsabilidade da elaboração do Plano Museológico do espaço, elaborado em 2017 com a participação dos colaboradores da instituição e membros da comunidade de Castrolanda.

O plano museológico se configura como um instrumento fundamental para o desenvolvimento e entendimento das funções dos museus, trata-se de um instrumento estratégico com foco em avaliar e desenvolver ações (administrativas, políticas e técnicas) que permitem otimizar o potencial das instituições de guarda de memória. O plano museológico foi instituído pela “Lei nº 11.904/2009, que trata do Estatuto de Museus, legislação específica para orientar e auxiliar as instituições museológicas e regulamentada pelo Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013”. (IBRAM, 2016, p. 3).

Esse instrumento de gestão pode ser dividido em três fases de desenvolvimento, sendo: primeira fase - diagnóstico (situação atual) com o envolvimento da equipe analisando os pontos fortes, fracos, as oportunidades e ameaças. Segunda fase - os programas (situação ideal), pautados em suprir as necessidades apontadas no diagnóstico. Os programas são definidos em 12 setores: Institucional; Gestão de pessoas; Acervos; Exposições; Educativo/Cultural; Pesquisa; Arquitetônico/urbanístico; Segurança; Financiamento/fomento; Comunicação; Sócio ambiental; Acessibilidade universal. Terceira fase - os projetos (soluções) ações com o propósito de sanar as dificuldades e explorar o desenvolvimento institucional. (IBRAM, 2016).

A partir da construção do Plano Museológico do CCC e a continuidade da consultoria técnica, a instituição vem desenvolvendo seus setores de atividades no que tange as funções básicas de preservação, conservação e pesquisa.

4.2 Setor de Acervos e Pesquisas

Atualmente o CCC desenvolve três principais ações em relação à preservação e pesquisa de seu acervo, tridimensional (acervos familiares, como utensílios domésticos, maquinários agrícolas, têxteis, mobiliário residencial) e bidimensional (documental e iconográfico): Conservação Preventiva, Catalogação e Avaliação de Acervos.

4.2.1 Conservação e Higienização

A ação de preservação consiste em conservar o acervo, não deixando o mesmo entrar em processos de degradação que o façam necessitar de serviços mais elaborados e com custos mais elevados como o restauro, por exemplo. A conservação preventiva ajuda a inibir a ação de muitos dos agentes degradantes (físicos, químicos, biológicos), por meio de procedimentos técnicos e de uma rotina de trabalho no acervo exposto e acondicionado em Reserva Técnica.

Os trabalhos de higienização do acervo iconográfico do Centro Cultural foram iniciados em agosto de 2017, através de procedimentos mecânicos de remoção de sujidades. Até o momento mais de 2101 suportes iconográficos (fotografias e negativos) passaram por este procedimento.

O acervo tridimensional foi em sua maioria higienizado na transferência do acervo do Museu Casa do Imigrante para a nova edificação. Atualmente os 2.250

objetos que compõem este acervo passam por uma rotina semanal de procedimentos para que se mantenham nas melhores condições de preservação.



Conservação de Acervos

Fonte: Centro Cultural Castrolanda.

4.2.2 *Catálogo*

Catalogar o acervo é uma das ações mais importantes para sua preservação. As informações referentes a cada objeto, documento ou fotografia são registradas para que a memória associada ao acervo permaneça a disposição dos interessados. Para cada objeto é preenchida uma ficha de registro com informações (nome, histórico, material, doador, dimensões, características, registro fotográfico), que permitem reconhecer o acervo e o diferenciar dos demais. Também é atribuído um número tombo, seu número de registro dentro da instituição. A catalogação do acervo tridimensional do CCC foi iniciada no segundo semestre de 2016, e até o momento aproximadamente 40% do acervo está catalogado.

O acervo documental e iconográfico é composto por aproximadamente 10 mil itens, separados por diferentes suportes, tais como fotos, negativos, slides, rolos de filmes, documentos pessoais, oficiais, datilografados e revistas vinculadas as comunidades holandesas no Brasil. A catalogação e identificação do acervo documental e iconográfico vem sendo realizado com apoio das voluntárias da comunidade, fator que permite a compreensão dos documentos em holandês, bem como a identificação das ambientações e indivíduos nos registros fotográficos. Além de aproximar a comunidade das ações museais.



Catálogo de acervo documental.

Fonte: Fonte: Centro Cultural Castrolanda.

4.2.3 Comissão de Acervos

A Comissão de Acervos do CCC foi oficializada em 20 de setembro de 2017, pela Presidência da Associação dos Moradores de Castrolanda através da resolução nº 01/2017, a qual regulamenta o funcionamento da Comissão de Acervos, e a definição da Política de Acervos. A Comissão tem por função avaliar e definir sobre a aquisição ou recusa de acervos oferecidos à instituição em intenções de doação, além disso, também cabe à Comissão determinar o descarte ou a permanência de um referido acervo da instituição em acordo com a Missão e a Visão da instituição. A Comissão é composta por sete membros, envolvendo representantes da comunidade e do corpo técnico do CCC.

4.2.4 Pesquisa

As pesquisas são parte fundamental dos trabalhos desenvolvidos no Centro Cultural. Por meio desta atividade a instituição amplia o conjunto de informações que disponibiliza ao público. Atualmente a pesquisa realizada aborda: Pesquisa expositiva e pesquisa de acervos.

Para a construção de uma exposição, há a necessidade de desenvolver uma pesquisa sobre o tema escolhido que forneça a base para a construção da narrativa e da expografia proposta, compondo o discurso que a instituição transmite ao público. A pesquisa evidencia informações históricas e culturais sobre temáticas específicas que definem o conteúdo de cada núcleo da exposição e também produz o texto base para os monitores desenvolverem a visita guiada da respectiva exposição.

Outra forma de pesquisa se caracteriza como o levantamento de dados sobre os acervos do CCC, buscando informações sobre o fabricante da peça, local de fabricação, seu proprietário e informações pertinentes que o vincule com a história e as tradições da Holanda e de Castrolanda. O resultado desta pesquisa é apresentado à Comissão de Acervos para tomada de decisão sobre o aceite ou descarte do mesmo. Todas as informações obtidas na pesquisa são anexadas às fichas de catalogação, ampliando a possibilidade de consulta para pesquisas temáticas ou mesmo pesquisa acadêmicas.

4.3 Setor Expositivo

Os espaços expositivos do CCC são divididos em: espaços de longa duração e temporárias. Desde a inauguração do museu, foram desenvolvidas duas exposições de longa duração no Museu Histórico, voltadas ao cotidiano familiar e social, como a representação da organização da casa nos primeiros anos na colônia e a trajetória histórica dos imigrantes desde de 1951 até contextos atuais.

Outra ambientação da instituição é destinada a exposições temporárias, sendo que até o momento foram desenvolvidas quatro exposições com foco em assuntos pertinentes da vida dos colonos, não contemplados na exposição de longa duração. As datas de abertura das exposições condizem com a Semana Nacional dos Museus, oficializada pelo IBRAM em maio - com uma temática proposta pelo próprio órgão federal, e em novembro, data em que se comemora o aniversário da Colônia e do Centro Cultural.

Dentro do setor, em 2017, também foi desenvolvida a reformulação da exposição do primeiro andar do Memorial de Imigração, contemplando a área cultural da colônia com uma exposição que aborda a trajetória do Grupo Folclórico Holandês de Castrolanda e a fabricação dos tamancos holandeses.

4.4 Setor Comunicação

Comunicação pode ser analisada como a ação de propagar informação entre fonte e emissor, que utiliza não somente de uma estrutura de linguagem, ela pode ser expositiva, visual, tátil, audível, digital. O CCC se comunica com quatro categorias de público: moradores da comunidade, da cidade e da região; turistas nacionais ou internacionais; prestadores de serviços em geral e prestadores de serviços turísticos. Dentro destas categorias, se destacam os grupos agendados, formados principalmente por escolares, idosos a lazer e grupos de negócios. Utilizando dos seguintes meios para se comunicar com o público: Exposições, Monitorias, Ações educativas, Mídias interativas e digitais, Mídias impressas e ao ar livre e Ações externas.



Visita monitorada.

Fonte: Centro Cultural Castrolanda.

A principal forma de comunicação é a monitoria aplicada ao público visitante, sendo um processo de interação e aprendizagem, permitindo o contato direto da instituição com o público, afim de desenvolver o diálogo entre o visitante e a narrativa do museu. Durante a visita guiada o monitor torna-se disseminador de conhecimento, transmitindo ao seu público informações importantes sobre aquele espaço e sua história, e permite ser influenciado por seu público, sabendo adequar sua postura a diferentes categorias de públicos e assuntos.

5 | CONCLUSÃO

Após contratação da assessoria técnica em museologia, o Centro Cultural Castrolanda se estruturou e está desenvolvendo uma rotina técnica e administrativa que qualifica suas ações, tornando-a uma instituição de referência museológica na região dos Campos Gerais, no Estado do Paraná. Mas, o fator mais importante, é que o CCC se constitui em um local de memória da comunidade de Castrolanda, que se vê representada por meio das exposições e das ações de preservação, pesquisa e comunicação da instituição.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 7967, de 18 de setembro de 1945. Dispõe sobre a imigração e colonização, e dá outras providencias. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 1945.

BROEK, Jan van den. **Holambra Dromen, strijd en overwinning. Geschiedenis van een succesvol emigratieproject**. Campinas, SP: Editora, set. 2008. p.101

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno

Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

GALLAS, Alfredo O.G.; Gallas Fernanda D. **Holandeses no Brasil: 100 anos de imigração positiva.** São Paulo. Ed. do autor, 2012.

IBRAM. **Subsídios para a elaboração de planos museológicos.** Brasília, DF, 2016.

JULIÃO, Letícia. Museu, Patrimônio e História: Cruzamentos Disciplinares. In: **XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.** João Pessoa: ANCIB, 2015.

KIERS-POT, C.H.L. **Castrolanda: 50 anos, 1951-2001.** Cooperativa Agropecuária Castrolanda. Kugler artes Gráficas. Castro, PR, 2001.

LADKIN, Nicola. Gestão do Acervo. In: **Como Gerir um Museu: Manual Prático.** França: ICOM, 2004. p. 17-32. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MICHALSKI, Stefan. Conservação e Preservação do Acervo. In: **Como Gerir um Museu: Manual Prático.** França: ICOM, 2004. p. 55-98. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MOLENDATABASE. **Nederlandse functionele molens.** 2018. Disponível em: <www.molendatabase.nl/>. Acesso em: 11 jul. 2019.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História, n.10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.5, n.10, p. 201.

RAMOS, Rene Wagner. **As Colônias de Castrolanda, Witmarsum, Entre Rios e a Agroindustrialização do Campo no Paraná.** Revista Semina, v.15, n.1, 2016 – Aprovado em 21 jun. 2016. p.17

SALLES. Maria do Rosário R. **Imigração e Política imigratória Brasileira no Pós-Segunda Guerra Mundial.** CADERNOS CERU, série 2, n.13, 2002. p.105.

VERBURG, Marringje K. **O Bilinguismo em Castrolanda: Aspectos sociais da aquisição da segunda língua.** Dissertação do programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, 1980.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

